



## ASPECTOS COGNITIVOS DA METONÍMIA E SUA RELAÇÃO COM NOMES PRÓPRIOS

Tania Mara Miyashiro Sasaki

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)*

### RESUMO

Muitas e variadas questões instigam um estudo mais aprofundado acerca do uso das palavras, ou seja, das unidades lexicais, pelos falantes da língua em diferentes situações de comunicação, pois elas podem manifestar significados distintos e um dos recursos utilizados para isso são os mecanismos cognitivos para a nomeação, mais especificamente a metonímia conceptual. Nomes próprios também representam uma fonte reveladora de fatores culturais, históricos e políticos relacionados a um grupo social em uma determinada época pela sua intrínseca relação com o léxico geral da língua. Estabelecendo uma correlação entre aspectos cognitivos e pragmáticos da metonímia, este trabalho discute resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como objeto de estudo a geração de nomes próprios. A proposta aqui apresentada examina, a partir de uma amostra aleatória de cinco nomes próprios de operações policiais, a visão da metonímia como recurso que transpõe a figura de linguagem e alcança o status de fenômeno cognitivo pelo uso pragmático na constituição dos nomes próprios. Tem-se, pois, como objetivo, discutir princípios reguladores constituintes da atuação desse mecanismo cognitivo e oferecer uma perspectiva de abordagem dos aspectos cognitivos subjacentes à nomeação de operações policiais. O estudo fundamenta-se na Linguística Cognitiva, a partir do norte teórico proposto por Lakoff e Johnson (1980); Lakoff (1987); Silva (1997); Radden e Kovecses (2007).

**Palavras-chaves:** nomes próprios; metonímia conceptual; Linguística Cognitiva; operações policiais.

### ABSTRACT

Many and different issues prompt a deeper study on the use of words, that is, on the lexical units, by speakers in different communicative situations since they can manifest different meanings. One of the resources used is the cognitive mechanisms for naming, more specifically, the conceptual metonymy. Proper names also represent a revealing source of cultural, historical and political factors of a specific social group at a specific time for its intrinsic relation to the general lexicon of a language. Correlating cognitive and pragmatic aspects of metonymy, this study discusses partial data from an ongoing research, which has the creation of proper names as the object of study. The investigation presents, from a random sample of five proper names of police operations, the view of metonymy as a resource that transposes the figure of language and reaches the cognitive phenomenon status for its pragmatic use in the constitution of proper names. The goal is to discuss the regulatory principles that constitute the cognitive mechanism performance and to offer a perspective on the cognitive aspects underlying the naming of police operations. The study is based on Cognitive Linguistics, from the theoretical foundation by Lakoff e Johnson (1980); Lakoff (1987); Silva (1997); Radden e Kovecses (2007).

**Keywords:** proper names; conceptual metonymy; Cognitive Linguistics; police operations.

**Tania Mara Miyashiro Sasaki** é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS).  
E-mail: tania.mms@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

Estudar os diferentes tipos de linguagens como fontes de conhecimento de um grupo social é também desvelar o caminhar histórico desse grupo, pois suas marcas são presentes e também passíveis de serem reveladas pelos diferentes elementos constituintes de seu cotidiano. Nesse sentido, considerar a palavra em sua expressão escrita e falada como uma das formas de linguagem representa uma das possibilidades de leitura da trajetória dos grupos sociais.

Segundo Lara (2006, p. 213), “a palavra tem um papel fundamental na percepção e na reflexão social acerca das línguas devido à sua característica central de nomear objetos, ações e relações”. Essa importância da palavra, também já foi enfatizada por Biderman (1998), ao argumentar que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas a partir delas o que dá origem a um universo significativo que se revela pela linguagem.

É fato que o homem possui a necessidade de nomear a sua realidade, pois haveria apenas um mundo caótico se não houvesse os nomes das pessoas e das coisas. Por conta dessa relevância em nossa sociedade, os nomes próprios são abordados por diferentes campos da ciência, como a Filosofia, a Psicologia, a História, a Linguística, revelando-se como um tema que sempre instigou a curiosidade do homem, seja pela etimologia, seja pela criatividade ou pela motivação. Portanto, nomes próprios também se constituem como uma fonte reveladora de fatores culturais, históricos, políticos e linguísticos de um grupo social em uma determinada época pela sua intrínseca relação com o léxico geral da língua.

Entende-se, assim, que os pesquisadores na área da Linguística devem estar atentos às questões que afetam o uso das unidades lexicais, pelos falantes da língua em diferentes situações de comunicação, com especial relevância para a questão do significado.

Seguindo, pois, o posicionamento acerca da força das unidades lexicais em seus usos e sentidos, o foco deste estudo é a ampliação de sentidos das palavras e seu uso como nomes próprios; mais especificamente, sobre as unidades lexicais constituídas por um processo cognitivo, a metonímia conceptual, manifestadas como nomes próprios de operações policiais. Estabelecendo-se uma correlação entre aspectos cognitivos e pragmáticos da metonímia, o objetivo deste trabalho é discutir princípios reguladores constituintes da atuação desse mecanismo cognitivo e proporcionar uma perspectiva dos aspectos cognitivos subjacentes à nomeação de operações policiais.

Este estudo faz parte da tese de Doutorado em desenvolvimento e se propõe a discutir a visão da metonímia como recurso que transpõe a figura de linguagem e alcança o status de fenômeno cognitivo pelo seu uso pragmático na constituição dos nomes próprios. Foram selecionados alguns nomes das operações da Polícia Federal que foram desencadeadas no ano de 2018, cujas informações estão disponibilizadas no site oficial da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública, no campo Agência de Notícias, em que são descritas todas as operações policiais no Brasil.

A análise dos aspectos semânticos dos nomes próprios aqui apresentada baseia-se no papel da metáfora e da metonímia conceptual propostas por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987). Segundo Geeraerts (2010), a perspectiva da metáfora como um fenômeno cognitivo deve ser analisada pelo mapeamento entre os dois domínios numa relação de similaridade, embasada nas experiências. Já a metonímia conceptual oferece a visão que permite que se pense sobre uma coisa em termos de relação de contiguidade com outra coisa, formando padrões que se aplicam em mais de um item lexical individual e estrutura os pensamentos, as atitudes e as ações.



Para esta proposta, o norte teórico da discussão fundamenta-se na Linguística Cognitiva, abordagem da linguagem que parte do pressuposto de que as unidades e as estruturas da linguagem não são estudadas como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas. Geerarts (2010), assim descreve as ideias principais da concepção de linguagem pelo ponto de vista cognitivo: a crença na flexibilidade pragmática e contextual do significado, a convicção de que o significado é um fenômeno cognitivo que excede os limites da palavra e de que o significado envolve a perspectivização.

Neste trabalho, são discutidos alguns princípios reguladores essenciais para a compreensão da interconexão da metonímia conceptual com os nomes próprios. O *corpus* deste trabalho é uma amostra de cinco nomes de operações policiais desencadeadas no ano de 2018 e disponibilizadas no site oficial da Polícia Federal do Brasil. Para tanto, a hipótese de corporificação e experiencialismo, como também a perspectivização conceptual, são os pilares para a constituição e configuração do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) que estão subjacentes aos nomes próprios das operações policiais.

## 1 LINGUÍSTICA COGNITIVA

Resgatando duas correntes antecessoras à Linguística Cognitiva, Silva (1997) descreve sumariamente o Estruturalismo e o Gerativismo. A primeira corrente, o Estruturalismo, concebe a linguagem como um sistema que se basta por si mesmo e desconsidera os aspectos extralinguísticos, enquanto o Gerativismo defende que a faculdade da linguagem é um componente autônomo da mente e sua investigação é sobre como essa faculdade mental é adquirida. O módulo cognitivo da linguagem independe de outros módulos cognitivos, como a percepção,

por exemplo. O paradigma científico da Linguística Cognitiva rejeita os princípios de autonomia da linguagem e da perspectiva modelar de cognição, pois seu interesse é pelo conhecimento que se adquire por meio da linguagem e investiga sua contribuição para o conhecimento do mundo.

De acordo com Geeraerts e Cuyckens (2007), o Gerativismo e a Linguística Cognitiva concordam que o conhecimento existe em função da representação mental, cujo papel é o de mediar a relação epistemológica entre o sujeito e o objeto. Como a linguagem natural é o objeto da relação epistemológica, o foco do Gerativismo é o conhecimento da linguagem, ou seja, o estudo das estruturas mentais constitutivas para o conhecimento e sua aquisição, enquanto a Linguística Cognitiva, tem o conhecimento de mundo como foco e investiga como a linguagem natural contribui para esse conhecimento.

As características fundamentais da Linguística Cognitiva, segundo Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 7, tradução nossa), podem ser assim classificadas e explicadas:

[...] A primazia da semântica na análise linguística, a natureza enciclopédica do significado linguístico e a natureza perspectivadora da significação linguística. A primeira característica afirma meramente que a função básica da linguagem envolve significado. As outras duas características especificam a natureza do fenômeno semântico em questão. A *primazia da semântica* na análise linguística acontece de forma direta pela perspectiva cognitiva: se a função primária é a categorização, então o significado deve ser o fenômeno linguístico primário. A *natureza enciclopédica do significado linguístico* segue a função categorial da linguagem: se a linguagem é um sistema para a categorização do mundo, não há necessidade de se postular um nível sistêmico ou estrutural do significado linguístico que é diferente do nível de onde o conhecimento de mundo é associado com as



formas linguísticas. A *natureza perspectivadora do significado linguístico* implica que o mundo não é refletido objetivamente na linguagem: a função de categorização da linguagem impõe uma estrutura do mundo ao invés de apenas refletir a realidade objetiva. Especificamente, a linguagem é uma forma de organizar o conhecimento que reflete as necessidades, interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas [...]¹

Como em outras ciências cognitivas, assume-se que a interação dos indivíduos com o mundo é mediada pelas estruturas mentais; no caso da Linguística Cognitiva, a estrutura pela qual se ocupa é a linguagem. Silva (1997) explica que é por meio da análise sistemática da estrutura e do uso linguístico que a Linguística Cognitiva encontra os conteúdos da cognição humana que justificam a realidade psicológica dos conteúdos da mente, estes que são expressos pela linguagem. As investigações cognitivas da linguagem põem em voga as correspondências entre o pensamento conceptual, a experiência corporificada e a estrutura linguística e, conseqüentemente, os conteúdos reais da cognição.

Assim, em oposição a essas duas correntes dominantes anteriormente mencionadas, a Linguística Cognitiva emerge no final da década de 70 e início da de 80 do século XX, explicada como

[...] uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios da categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. (SILVA, 1997, p.59)

Sumariamente, as ideias principais da concepção cognitiva da linguagem consistem “na crença da flexibilidade pragmática e contextual do significado, a convicção de que o significado é um fenômeno linguístico que excede as fronteiras da palavra e o princípio de que o significado envolve perspectivação” (GEERAERTS, 2010, p. 203, tradução nossa).²

## 2 METÁFORAS E METONÍMIAS PELO VIÉS TRADICIONAL

Tradicionalmente, assim como as metáforas, as metonímias são consideradas figuras de estilo com função retórica e de ornamentação da linguagem. Além desse contexto, considerando o campo da Linguística Cognitiva, “os mesmos princípios metonímicos que relacionam diferentes sentidos de uma palavra servem para criar e trazer de volta novos

---

¹ [...] The primacy of semantics in linguistics analysis, the encyclopedic nature of linguistic meaning, and the perspectival nature of linguistic meaning. The first characteristic merely states that the basic function of language involves meaning; the other two characteristics specify the nature of the semantic phenomena in question. The *primacy of semantics* in linguistics analysis follows in a straightforward fashion from the cognitive perspective itself: if the primary function of language is categorization, then meaning must be the primary linguistic phenomenon. The *encyclopedic nature of linguistic meaning* follows from the categorial function of language: if language is a system for the categorization of the world, there is no need to postulate a systemic or structural level of linguistic meaning that is different from

the level where world knowledge is associated with linguistic forms. The *perspectival nature of linguistic meaning* implies that the world is not objectively reflected in the language: the categorization function of the language imposes a structure on the world rather than just mirroring objective reality. Specifically, language is a way of organizing knowledge that reflects the needs, interests, and experiences of individuals and cultures [...]”.

² “A belief in the contextual, pragmatic flexibility of meaning, the conviction that meaning is a cognitive phenomenon that exceeds the boundaries of the word, and the principle that meaning involves perspectiveation”.



significados no uso real da linguagem” (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 236).

O conhecimento tradicional acerca das metáforas e das metonímias remetem às figuras de linguagem, que são usadas para comunicar com maior expressividade, pois as palavras são usadas de forma mais criativa e original. A metáfora proporciona o uso de um termo por outro, levando-se em conta a semelhança entre ambos. Nessa relação de substituição pela semelhança, são exemplos: *o tempo voa, ela é uma flor*. Já a metonímia proporciona maior expressão pela contiguidade das palavras, quando ocorre a evocação de um termo que represente um outro, como por exemplo: *estou lendo Machado de Assis; respeite os cabelos brancos*.

Então, pode-se pensar que metáfora e metonímia sejam uma questão de uso de palavras como recursos estilísticos e retóricos para se potencializar a expressividade. Entretanto, a Linguística Cognitiva abre outra perspectiva de interpretação desse fenômeno. A visão é de que as metáforas e metonímias vão além da função de funcionar como figuras de linguagem, pois adquirem um status de fenômeno cognitivo em seu tratamento. Essas metáforas e metonímias, numa perspectiva cognitiva, são consideradas fenômenos conceptuais. Isso quer dizer que os conceitos que se têm sobre a realidade são resultados da experiência e do conhecimento individual já existentes em interação com o contexto social, histórico e cultural no qual um indivíduo está inserido.

### 3 METONÍMIA CONCEPTUAL E NOMES PRÓPRIOS DAS OPERAÇÕES POLICIAIS

Lakoff e Johnson (1980) argumentam que a metonímia conceptual se baseia na relação de contiguidade com a função referencial ao usar uma entidade para se referir a outra que com ela tenha relação. Além da função referencial, possui também o papel de proporcionar a

compreensão, pois, a partir de um todo, utiliza-se a parte de maior destaque para determinar especificamente o aspecto que se pretende focar. Por exemplo, escolhe-se uma parte do todo que represente uma pessoa cuja característica principal é a inteligência, com a qual relaciona-se a cabeça. Então, é comum a expressão *precisamos das melhores cabeças*, que quer dizer que o requisito *inteligência* é a necessidade em questão.

Panther e Thornburg (2007) apontam algumas visões propostas por Lakoff e Johnson (1980) acerca da metonímia. Esses autores consideram a metonímia como fenômeno conceptual que ocorre dentro de um mesmo domínio cognitivo, diferenciando-se da metáfora com ocorrência em um domínio conceptual sobre outro. Apresentam a definição da metonímia de Croft (1993, apud PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 239) como “um processo de destaque de domínio, já que a metonímia transforma em primordial um domínio que é secundário pelo seu significado literal”. Já na perspectiva de Langacker (1987, apud PANTHER; THORNBURG, 2007), o significado de uma expressão é determinado a partir de um fundo com domínios sobrepostos que serve como uma base contra a qual traça-se o perfil do significado de uma expressão. Radden e Kovecses (2007), por sua vez, definem a metonímia como um processo cognitivo que acontece dentro de um mesmo modelo cognitivo, no qual uma entidade conceptual funciona como um veículo que fornece acesso a outra entidade.

O ponto de convergência entre essas visões citadas sobre a metonímia é o processo cognitivo que ocorre dentro de um domínio matriz que conecta o conteúdo fonte ao menos acessível, o conteúdo alvo. A conexão entre a fonte e o alvo é ligada pela contiguidade conceptual; assim, dada essa proximidade de conceptualização, representadas linguisticamente pelos conceitos léxicos, ocorre a metonímia conceptual.



Panther e Thornburg (2007, p. 240) esclarecem que um critério necessário à metonímia conceptual é a contingência da relação entre a fonte e o alvo metonímicos. Esse critério implica que as metonímias se tornem restritas a determinadas situações, pois estão baseadas em semelhanças conceptuais circunstanciais. O exemplo usado para esse conceito é o contexto de um hospital onde uma enfermeira diz: *a úlcera do quarto 506 precisa de uma dieta especial*. Observa-se a relação contingente entre *a úlcera do quarto 506* e *o paciente com uma úlcera do quarto 506*.

Uma propriedade da metonímia para a qual Panther e Thornburg (2007, p. 242) chamam atenção é para o destaque dado ao conteúdo alvo e o plano de fundo que se põe sobre o conteúdo fonte. No exemplo anterior, *a úlcera do quarto 506*, o destaque do contexto efetuado pela metonímia é o paciente que sofre de úlcera. Entretanto, no exemplo *Maria construiu uma garagem*, a ideia sobre *Maria* não tem o mesmo efeito de destaque, pois *Maria* pode ser entendido como *os trabalhadores que Maria contratou* ou *a própria Maria*. Essa propriedade de destaque proposta pelos autores é explicada pela força de uma ligação metonímica, que depende da distância conceptual entre a fonte e o alvo e da saliência da fonte

As funções metonímicas conceptuais, similares às metáforas conceptuais, funcionam ativamente em nossa cultura e seu embasamento ocorre também a partir da experiência. Um ponto diferencial entre a metáfora e metonímia é que a fundamentação dos conceitos metonímicos se mostra mais óbvia por envolver associações diretas físicas e causais.

Como explanado por Lakoff e Johnson (1980, p.39), outro ponto de semelhança com as metáforas conceptuais é a sistematicidade que as metonímias conceptuais também seguem, pois não são ocorrências arbitrárias e fazem parte do cotidiano pelos exemplos representativos existentes em cada cultura. Quando nos deparamos com exemplos de conceitos metonímicos gerais, percebemos que estes organizam e afetam nossos pensamentos e ações.

Geeraerts (2010, p. 214) assim descreve os quatro pontos de semelhanças que Lakoff e Johnson (1980) enfatizam acerca das metáforas e metonímias e que lhes dão o estatuto de conceptual e não de puramente linguístico:

[...] Em primeiro lugar, os conceitos metonímicos permitem que se pense sobre uma determinada coisa em termos de relação com outra coisa. Desta forma, pode-se distinguir a fonte e o alvo na descrição da metonímia, assim como nas metáforas. Em segundo lugar, as metonímias são sistemáticas, pois essas formam padrões que se aplicam em mais de um item lexical. Em terceiro lugar, as metonímias conceptuais estruturam não somente nossa linguagem, como também nossos pensamentos, atitudes e ações. [...] Em quarto lugar, os conceitos metonímicos são embasados a partir da experiência. (GEERAERTS, 2010, p. 214, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Resumindo as considerações realizadas pelos autores mencionados nesta seção, uma definição adequada da metonímia conceptual deve, pelo menos, integrar em sua composição, a noção de que se trata de um processo conceptual no qual o conteúdo fonte dá acesso ao conteúdo alvo num mesmo domínio

<sup>3</sup> “[...] In the first place, metonymic concepts allow us to think of one thing in terms of its relation to something else. In that sense, we can distinguish a source and target in the description of metonymy just as we can for metaphors. In the second place, metonymies are systematic in the sense that they form patterns that apply

to more than just an individual lexical item. In the third place, metonymic concepts structure not just the language, but also user’s thoughts, attitudes, and actions. [...] In the fourth place, metonymic concepts are grounded in experience”.



cognitivo regido por uma situação contingencial.

Na sequência, discutem-se os Modelos Cognitivos e Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, que, para a Linguística Cognitiva, ocorre a caracterização das categorias linguísticas.

## 4 MODELOS COGNITIVOS E TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

Para a constituição da significação e da estrutura de uma categoria linguística, considera-se que essa formação depende de certas estruturas de conhecimento sobre o domínio experiencial a que essa categoria está associada. Chama-se isso de modelo cognitivo, quando o conhecimento é individualmente partilhado, ou de modelo cultural, quando partilhado por um grupo social.

Silva (1997) alega que é no contexto desses modelos que se permite que as categorias linguísticas sejam devidamente caracterizadas. Os modelos cognitivos são ilimitados em suas possibilidades e podem associar-se em redes e com outros modelos. Por conseguinte, isso implica que, quando os modelos que envolvem determinada categoria são descritos, podem ser seletivos. Outra característica é que um ou mais modelos cognitivos estão envolvidos para qualquer ato de categorização, mesmo os relacionados às situações não muito familiares. Portanto, uma única categoria pode ter diferentes modelos cognitivos. Citando como exemplo, o modelo cognitivo de “mãe”, segundo Lakoff (1987), remete a vários domínios da experiência: genético, nutritivo, educacional, marital e genealógico.

A noção de *domínio* (domínio cognitivo) é explicada por Silva (1997, p.83), como “qualquer área de conhecimento que serve

como base de significação de uma unidade cognitiva que seja linguisticamente expressa”. Existem os domínios básicos, que representam a *experiência humana cognitivamente irreduzíveis*, como: o espaço, o tempo, a temperatura; e os domínios complexos, os quais são *caracterizáveis em relação aos domínios básicos*, como: bi-dimensional, depois, frio.

Assim em relação aos estudos acerca das estruturas das categorizações e dos efeitos prototípicos, Lakoff (1987) sustenta que o conhecimento é organizado por meio de estruturas chamadas de Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCIs). O autor defende que as estruturas das categorizações e os efeitos prototípicos são fenômenos originados desses modelos, portanto, são subprodutos dessa organização cognitiva complexa.

Por sua vez, Geeraerts (2010) destaca a relevância dos MCIs para a Semântica Cognitiva, pelo fato de que

nosso conhecimento da linguagem é intimamente relacionado com nosso conhecimento de mundo, e tal conhecimento assume a forma de modelos cognitivos: conjuntos estruturados de crenças e expectativas que direciona o processamento cognitivo, incluindo o uso da linguagem (GEERAERTS, 2010, p. 245, tradução nossa).<sup>4</sup>

Então, com a perspectiva de organização de estruturas acerca do conhecimento humano, os MCIs destacam três aspectos importantes dessas estruturas cognitivas: elas são idealizadas, são cognitivas e são modelos. McCauley (1987, p. 292, tradução nossa), por seu turno, define os MCIs da seguinte forma: “os modelos cognitivos idealizados são construtos mentais simplificados que organizam vários domínios da experiência

<sup>4</sup> “Our knowledge of language is intimately related to our knowledge of the world, and that such knowledge of the world takes the form of cognitive models: structured sets

of beliefs and expectations that direct cognitive processing, including the use of language”.



humana, tanto as experiências práticas, quanto as teóricas”.<sup>5</sup>

Por meio da compreensão dos aspectos dos MCIs, obtém-se o melhor esclarecimento dos modelos propostos por Lakoff (1987). Segundo Geeraerts (2010, p. 245), os MCIs são chamados de *idealizados*, pois se configuram como abstrações do mundo real. A complexidade da realidade não é capturada por inteiro, mas pelos MCIs, que viabiliza uma matriz para se lidar com flexibilidade tal complexidade.

Com essa possibilidade, esses modelos simplificam o mundo. McCauley (1987) pondera que as estruturas são idealizadas pelo fato de que, num grande universo de estímulos que compõem cada contexto, a seleção acontece baseada na eficácia e significação, ou seja, escolhem-se aqueles que são mais eficazes e significantes nos domínios teóricos ou práticos. Ao se idealizar, deixa-se de enfatizar ou ignora-se uma outra gama de possibilidades pelo *ceteris paribus*, isto é, presume-se, implicitamente, relativa falta de importância das possibilidades que foram desconsideradas. Os MCIs definem uma série de chaves no ambiente em que conseguem determinar uma situação e a partir delas estabelecer expectativas de mudança e respostas apropriadas ao contexto.

Além de idealizados, os MCIs são *cognitivos*, já que dependem das habilidades imaginativas para se eleger um modelo para um determinado domínio. Dentre os vários membros de uma categoria, alguns são julgados como melhores exemplos dependendo do modelo que se aplica a uma situação particular. Os MCIs são modelos sobre o mundo, o que significa que a soma de todos esses modelos constitui a superestrutura do conhecimento humano acerca do mundo.

Para esclarecer como cada MCI estrutura o espaço mental, Lakoff (1987) toma o conceito de *frame* proposto por Fillmore (1982), exemplificado pela palavra *terça-feira*, que pode ser definida somente como relativo a um modelo idealizado que, por sua vez, inclui o ciclo natural definido pelo movimento do sol, que é a maneira padronizada de se caracterizar o fim de um dia e início do próximo. Perfaz um ciclo do calendário de sete dias, a semana. No modelo idealizado, a semana é entendida como um total de sete partes organizadas em uma sequência linear, em que cada parte é chamada de dia e o terceiro dia é *terça-feira*. Da mesma forma, o conceito de *fim de semana*, requer a noção de uma semana de cinco dias de trabalho seguidos de um descanso de dois dias, que é estabelecido pelo calendário de sete dias.

Conclui-se então que o modelo da *semana* é idealizado porque a semana de sete dias não existe objetivamente na natureza, sendo uma criação dos indivíduos que vivem sob o mesmo sistema cultural. Esse modelo, considerado “nosso modelo”, difere do sistema calendário balinês. Para a cultura balinesa, requer-se um MCI complexo que impõe estruturas de três semanas: uma semana de cinco dias, uma de seis dias e uma de sete dias.

Portanto, esse modelo idealizado não tem uma adequação muito precisa no mundo, por adaptar-se perfeitamente bem, não muito bem e não se adequar, dependendo das circunstâncias contextuais. Lakoff (1987, p. 71) esclarece que “quanto pior é o encaixe entre as condições do contexto do MCI e nosso conhecimento, menos apropriado é a aplicação do conceito. O resultado é uma variação (gradiência), que é um tipo simples de efeito prototípico”.

Retomando-se a questão da metonímia, nota-se que ela também estabelece alguns tipos

---

<sup>5</sup> “Idealized cognitive models are simplified mental constructs that organize various domains of human experience, both practical and theoretical”.



de relações conceptuais operando dentro de um mesmo MCI. Entretanto, de acordo com Langacker (1993, apud RADDEN; KOVECSSES, 2007), a metonímia emerge somente quando a atenção do destinatário está voltada para o alvo intencionado. Isso quer dizer que, o alvo deve possuir uma singularidade que seja acessível. Dentro do MCI de *órgãos do corpo*, por exemplo, há uma relação entre o órgão e o sentido, como em *o cachorro tem um nariz bom*, que provoca uma metonímia.

Percebe-se que além das relações conceptuais, a metonímia possui uma função conciliadora entre dois fatores na organização do MCI: a necessidade de ser exata, para garantir o direcionamento para um alvo intencionado, e de se pensar e falar explicitamente sobre as entidades de maior saliência cognitiva.

Em linhas gerais, ligando os conceitos delineados nesta seção, é relevante considerar que todo efeito prototípico é resultado da aplicação de um MCI, que, portanto, está na base de todo conceito.

A seguir, são discutidos alguns princípios básicos presentes na metonímia conceptual e sua interface com os nomes próprios de operações policiais.

## 5 A RELAÇÃO DOS PRINCÍPIOS REGULADORES CONSTITUINTES NA METONÍMIA CONCEPTUAL E OS NOMES PRÓPRIOS

Neste trabalho tem-se como objetivo discutir princípios reguladores constituintes da metonímia conceptual e oferecer uma perspectiva dos aspectos cognitivos subjacentes à nomeação de operações policiais. Propõe-se uma discussão a partir da visão da metonímia como recurso que transpõe a figura de linguagem e alcança o status de fenômeno cognitivo por seu uso pragmático na constituição dos nomes próprios.

Para tanto, destaca-se a existência de aspectos cognitivos e pragmáticos da

metonímia configurados em forma de nomes próprios das operações policiais. A análise é focada em elementos julgados relevantes para a constituição da metonímia conceptual: corporificação, experiencialismo e perspectiva conceptual.

### 5.1 CORPORIFICAÇÃO E EXPERIENCIALISMO

A Linguística Cognitiva considera que o propósito principal da linguagem é comunicar-se e trocar experiências, o que implica a mudança da visão objetivista da descrição do mundo e a investigação da corporificação cognitiva, física e social que dá forma ao significado. Assim, o objeto de investigação da Linguística Cognitiva é a maneira sobre como a corporificação embasa nossas conceptualizações linguísticas.

O processo de conceptualização está diretamente ligado à corporificação, ou seja, a construção de conceitos provém de nossas diversas experiências que os falantes internalizam, categorizam e nomeiam. Segundo Rohrer (2007), a *hipótese da corporificação* sustenta que os sistemas linguístico e conceitual utilizados por um indivíduo são embasados na corporificação física, cognitiva e social que vivencia em sua comunidade. Acrescentando às bases da conexão entre experiencialismo e conceptualização, Lakoff e Johnson (1980) em suas pesquisas acerca da constituição dos domínios básicos da experiência, propõem a *gestalt experiencial*, que caracteriza o todo estruturado dentro das experiências humanas. Nessa perspectiva, os domínios de experiências são organizados como dimensões naturais, pois são experiências mais concretas que podem ser usadas metaforicamente para representar conceitos mais complexos. Segundo esses autores, os conceitos mais concretos, bases de onde as metáforas surgem, provém de três fontes que, por sua vez, constituem-se como tipos naturais de habilidades adquiridas: a



experiência corporal; a interação com o ambiente físico e a interação com pessoas e com a cultura.

Lakoff (1987) caracterizou o *experientialismo* ou *realismo experiencial* como contraste à concepção filosófica que tinha a razão humana e a significação, isto é, a estrutura conceptual, como correspondentes à realidade objetiva, sem qualquer relação com as experiências reais. O termo emergente *experientialismo*, considera que a razão e o corpo formam apenas um organismo e reflete a ideia de que a razão se origina da experiência corpórea.

A noção de experiência é abrangente, incluindo todas as coisas que se constituem como experiências reais e potenciais dos organismos; tanto as individuais, quanto as coletivas. Além das experiências da percepção e dos movimentos motores, inclui-se também, e especialmente, a constituição do organismo adquirida geneticamente e a natureza de suas interações em seus ambientes sociais e físicos.

A conceptualização dos nomes das operações policiais *Peixe Mosquito*, *Curupira* e *Grapixo* são exemplos de nomeação sustentados pela hipótese da corporificação, como explanado por Rohrer (2007). O processo cognitivo que deu origem a esses nomes provém da corporificação física, cognitiva e sociocultural provinda da vivência dos indivíduos nomeadores em sua comunidade.

Na sequência, descreve-se o processo de conceptualização dos nomes próprios analisados para este trabalho, explicitados nos itens 1,2 e 3.

(1) O nome *Peixe Mosquito* surge de um contexto de crimes de fraudes nos pedidos de concessão de benefícios previdenciários, principalmente no seguro-defeso, uma assistência financeira temporária concedida aos pescadores. É caracterizado como tipo metonímico *participante saliente* pelo

*evento inteiro*, conceptualizado no MCI da pesca. A fonte é um tipo de peixe cujo principal alimento é a larva de mosquito e o alvo são as fraudes. Para atingir o alvo, ou seja, para se nomear a operação de investigação da fraude, o processo cognitivo metonímico utilizou-se do tipo de peixe como veículo, o participante mais saliente no MCI da pesca, para representar o alvo, que seriam os crimes de fraudes.

(2) O nome *Curupira* relaciona-se à corporificação advinda de sua interação com o meio sociocultural, pois refere-se a uma criatura do folclore brasileiro, conhecida por ser o protetor da fauna e da flora amazônica. Portanto, é uma metonímia do tipo *entidade* pelo *evento*. A fonte é uma figura folclórica e o alvo é a caça e pesca ilegal dentro do MCI da caça e pesca.

(3) *Grapixo* exemplifica a visão experientialista proposta por Lakoff (1987). É possível a compreensão da significação do nome como resultado do processo experiencial interativo entre as estruturas cognitivas e sensorio-motoras do organismo com o ambiente e com outras pessoas. A palavra *grapixo* significa uma mescla de grafite com pichação e foi usada como nome próprio para representar o contexto de crime de depredação e pichações em inúmeras edificações e monumentos urbanos, públicos e privados praticada por grupos compostos por jovens do sexo masculino, que disputam o reconhecimento e respeito entre seus pares. No MCI de uma cidade, têm-se como fontes: disputas e reconhecimento de grupos e o alvo:



deprecação de prédios. Pelo tipo da metonímia *meio* pela *ação*, compreende-se a atuação do ambiente físico e social para a conceptualização do significado.

Destacou-se a perspectiva experiencialista na construção e no desempenho do sistema linguístico. A seguir, discorre-se sobre a perspectivação conceptual na seção destinada à abordagem da faceta subjetiva do significado linguístico.

## 5.2 PERSPECTIVAÇÃO CONCEPTUAL

Dentre as características da Linguística Cognitiva, destaca-se uma fundamental acerca da semântica: o fato de ser cognitiva e, por isso, tornar-se um princípio que se reflete na perspectiva, na subjetividade ao se proceder a análise linguística. Os aspectos de análise das propriedades do *objeto* da conceptualização não são suficientes, pois envolvem necessariamente o *sujeito* dessa conceptualização.

Quando se trata da natureza perspectivadora da significação a partir de uma situação, Verhagen (2007) faz uso do termo *construal*, o que corresponderia à interpretação, à perspectivação conceptual. O autor explica que, em nível elementar, trata-se de uma característica da significação para todas as expressões linguísticas. Entretanto, a linguagem para descrever uma determinada situação pode ser interpretada de maneiras alternativas, a partir da perspectiva linguística cognitiva. O fenômeno de perspectivação conceptual impõe estruturas na conceptualização pelo fato de não se originar diretamente de um conteúdo.

Provindo da Psicologia da Gestalt, o conceito de percepção visual figura-fundo é introduzido na Linguística Cognitiva como uma das operações da perspectivação conceptual,

com seus reflexos linguísticos no campo lexical e gramatical. Um item lexical designa uma subestrutura que faz parte de uma estrutura maior (a base), que conseqüentemente implica que o conhecimento da estrutura maior é parte do conhecimento do significado desse item lexical. Verhagen (2007) exemplifica: quando se diz *a pata desse animal tem três dedos* é adequado, mas, o enunciado *o braço desse animal tem três dedos* soa muito estranho, e a proposição *este animal tem três dedos* já evoca um significado diferente.

Verhagen (2007) argumenta ainda que outra operação da perspectivação conceptual relacionada a objetos e a situações pode ser percebida em níveis diferentes de resolução. As categorias lexicais podem formar diferentes hierarquias taxinômicas que consistem em diferentes níveis de resolução. A atuação dessa operação é associada à lente de uma câmera que vai aumentando ou diminuindo a resolução para determinado aspecto ou objeto: quanto mais resolução, maior é a nitidez para os detalhes.

A perspectivação conceptual está presente no processo metonímico que ocorre na conceptualização dos nomes das operações *Yellow* e *Elemento 79*, como explicitado nos itens 4 e 5.

- (4) Para a construção do nome *Yellow*, no contexto do crime de atentado contra a segurança de transporte aéreo, a percepção visual de figura e fundo estabelece as estruturas de conceptualização. No MCI dos crimes sequenciados, o fundo é o ambiente físico de um aeroporto e a figura, um elemento marcante dentro dessa perspectiva, ambos que servem como fonte: cor amarela do veículo (carro da INFRAERO), que estabelece a relação de contiguidade com o alvo: o conjunto de ações criminosas. Assim, a



metonímia do tipo *característica saliente do participante* pelo evento inteiro constitui a subjacência do nome da operação.

- (5) O elemento 79, o ouro da tabela periódica, que, segundo Verhagen (2007), corresponde a um item lexical que faz parte de uma estrutura maior, implica que essa estrutura maior é parte do conhecimento do significado desse item lexical. A perspectivação conceptual do nome *Elemento 79* parte do sujeito ao nomear o evento utilizando-se de uma parte do conhecimento do significado de uma estrutura maior para se referir ao minério ouro. Dentro do MCI da extração do ouro, seu número atômico serve como veículo que se dirige ao alvo: contrabando e crime contra o meio ambiente, tendo em mente o contexto de comercialização e produção de forma ilegal. Desse processo cognitivo, a metonímia do tipo *palavras pelo conceito que elas expressam* embasa o nome próprio da operação policial.

Além da imposição de estruturas, a perspectivação conceptual pode também ser compreendida pela relação de similaridade, de conexão contingente saliente, de contraste ou de escala entre uma conceptualização e outra: metáfora, metonímia, negação e comparação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu uma das perspectivas de análise linguística, no caso, o exame dos nomes próprios segundo os parâmetros da Linguística Cognitiva. Foram abordados alguns dos principais aspectos que constituem a emergência da metonímia

conceptual que está subjacente à nomeação das operações policiais no Brasil.

Primeiramente, discutiu-se a abordagem da Linguística Cognitiva que oferece a visão da linguagem como meio de conhecimento conectado com a experiência de mundo. Em seguida, focalizou-se a metonímia conceptual, cujas funções de referência e de proporcionar a compreensão, desencadeiam o processo metonímico dentro dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Concluiu-se com as análises de nomes próprios de operações policiais sustentadas pelos princípios de corporificação, experiencialismo e perspectivação conceptual. Por meio das análises, demonstrou-se a relevância da compreensão desses elementos teóricos como constituintes do processo metonímico e as contribuições para a emergência dos nomes próprios.

Como já assinalado, os resultados aqui apresentados são um recorte do produto da tese de Doutorado em curso, e buscou demonstrar, por meio da comprovação que as metonímias conceptuais estão presentes na vida cotidiana, numa troca constante, que ora fornecem, ora retiram, dados linguísticos do meio social e cultural.

Assim, por meio do exame de cinco nomes próprios de operações policiais brasileiras, conclui-se que a metonímia pode transpor a figura de linguagem e alcançar o status de fenômeno cognitivo pelo uso pragmático na constituição dos nomes próprios.

## REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

BRASIL. Ministério da Justiça (2017). **Polícia Federal Notícias**. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/agencia/noticias>. Acesso em: 20 abr. 2019.



GEERAERTS, Dirk. **Theories of lexical semantics**. New York: Oxford University Press, 2010.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

LAKOFF, George. **Women, fire, and other dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. Reference-point constructions. **Cognitive Linguistics**, v. 4, p. 1-38, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/cogl.1993.4.1.1>. Acesso em: 12 mar. 2019.

LARA, Luís Fernando. **Curso de Lexicologia**. 1ª ed. México: D.E.: El Colegio de México, 2006.

MCCAULEY, Robert. The role of theories in a theory of concepts. In: NEISSER, U. (ed.) **Concepts and conceptual development: ecological and intellectual factors in categorization**. New York: Cambridge University Press, 1987.

PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. Metonymy. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

RADDEN, Gunter; KOVECSES Zoltán. Towards a theory of Metonymy. In: EVANS, Vyvyan; BERGEN, Benjamin; ZINKEN, Jorg. **The Cognitive Linguistics Reader**. London: Equinox, 2007, p. 335-359.

ROHRER, Tim. Embodiement and Experencialism. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

SILVA, Augusto Soares. A linguística Cognitiva – uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, n.2, p. 59-101, 1997.

VERHAGEN, Arie. Construal and Perspectivization. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SASAKI, T. M. M. Aspectos cognitivos da metonímia e sua relação com nomes próprios. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 64-76, 2020.